

Interfaces

ISSN 2179-0027

VOLUME 11 NÚMERO 4

Revista Interfaces

Editora-chefe

Dr. Maria Cleci Venturini

Conselho Editorial

Dr. Adail Sobral (UCPEL)

Adenize Aparecida Franco (UNICENTRO – in memorian)

Dra. Alice Atsuko Matsuda (UTFPR)

Dra. Amanda Eloina Scherer (UFSM)

Dr. Antônio Esteves (UNESP)

Dra. Aracy Ernest (UCPEL)

Dr. Antonio Escandiel de Sousa (Unicruz)

Dra. Carme Regina Schons (UPF) in memorian

Dra. Eneida Chaves (Universidade Federal de São João Del Rey)

Dr. Eclair Antonio Almeida Filho (UNB)

Dr. Eduardo Pellejero (UFRN)

Dra. Elisabeth Fontoura Dorneles (Unicruz)

Dra. Ercília Cazarin (UCPEL)

Dra. Gesualda dos Santos Rasia (UFPR)

Dra. Luísa Lobo (UFRJ)

Dra. Marcia Dresch (Universidade Federal de Pelotas/RS)

Dra. Maria da Glória Di Fanti (PUCRS)

Dra. Maria Cristina de Almeida Mello (Universidade de Coimbra – in memorian)

Dra. Mary Neiva Surdi da Luz (UFFS/Chapecó)

Dra. Sonia Pascoalati (UEL)

Dra. Verli Petri da Silveira (UFSM)

Consultores *ad hoc* desta edição

Adilson Carlos Batista

Alessandra A. Pereira

Alice Atsuko Matsuda

Aline Gravina

Aline Sanfelice

Aline Venturini

Aline Yuri Kiminami

Ana Paula Albarelli

André Cechinel

André Luís Specht
Ângela Cristina Di Palma Back
Ani Carla Marchesan
Ângela Stübe
Antônio Peterson
Atílio Butturi Júnior
Bárbara Del Rio Araújo
Carla Alexandra Ferreira
Caroline de Araújo Pupo Hagemeyer
Cibele Krause-Lemke
Claudia Camila Lara
Cláudia Finger Kratochvil
Claudia Marchese Winfel
Cláudia Maris Túllio
Cláudio de Almeida Mello
Cristiane Malinoski Pianaro Ângelo
Débora Massmann
Daniela da Silva
Davi Gonçalves
Denise Gabriel Witzel
Diego Barbosa da Silva
Edair Maria Gorski
Edan Luiz Almeida
Eduardo Soczek Mendes
Edson santos Silva
Érica Alves
Eric Ferreira
Everton Gelinski Gomes de Souza
Fabiana Giovani
Francini Percinoto Polisel Corrêa
Gabriell Pinezi
Gladir da Silva
Guilherme Beraldo de Andrade
Ismara Tasso
Jordana Cristina Blos Veiga Xavier
José Simão Silva Sobrinho
José Carlos Moreira
Katielli Chaves Antunes
Keissy Guariento Carvelli
Leonilda Procailo
Letícia Priscila Pacheco
Lídia Stutz
Loremi Loregian-Penkal

Luciana Fracassi Stefaniu
Luciane Baretta
Luciane Costa
Lídia Stutz
Mabiana Camargo
Marcelo Jacó Krug
Maria Izabel de Bortoli Hent
Mariana Sbaraini Cordeiro
Márcia Costa
Márcia Ione Surdi
Mariese Ribas Stankiewicz
Marilda Lachovschi
Márcia Regina Pawlas Carazzai
Márluce Coan
Margie Margarida Gandara Rauen
Margarete Maria Soares Bin
Maria Cláudia Teixeira
Neide Garcia Piinheiro
Nilcéia Valdati
Priscila Azevedo da Fonseca Lanferdini
Patricia Bronislawski
Priscila Finger do Prado
Rafael Matielo
Rafael Silva Fouto
Raquel Cristina Mendes de Carvalho
Raquel Terezinha Rodrigues
Rafael de Souza Bento Fernandes
Ricardo Pedrosa Alves,
Rodrigo Kovalski
Roziane Keila Grando
Rosemeri Bernieri de Souza
Sandriele Aparecida Bueno da Rocha
Santo Gabriel Vaccaro
Simone Guesser
Stela Guedes Caputo
Tamiris Machado Gonçalves
Tania Regina Ramos
Tatiana Barbosa de Sousa
Ubiara Vieira
Valdir Olivo Júnior
Vera Cristóvão

Revisora de texto

Maria Cláudia Teixeira

Arte da capa e diagramação

Luis Eduardo Gomes

Responsáveis Técnicos

Luis Eduardo Gomes

Nota: O conteúdo dos artigos desta revista são de inteira responsabilidade de seus autores

Sumário

Dossiê: 50 ANOS DE TEXTOS FUNDADORES: Prefácio

Claudia Finger-Kratochvil, Luciane Baretta, Neide Garcia Pinheiro

9-20

Artigos

Letras e histórias: conversando com Mail Marques Azevedo

Neide Garcia Pinheiro

21-27

Um Estudo sobre o Currículo Rede Estadual do Paraná: A Oralidade no Ensino de Línguas

Lídia Stutz , Mauri Morais , Rosane Klinpovous

28-45

As Práticas de Produção de Texto na Base Nacional Comum Curricular e a (Re)Construção da Identidade do Aluno: um Olhar

Cláudia Maris Tullio , Cindy Mery Gavioli-Prestes

46-57

Teoria da Polifonia e o Ensino de Língua Portuguesa: Contribuições para o Desenvolvimento de Habilidades Estabelecidas pela BNCC

Andréia Inês Hanel Cerezoli

58-65

Abordagens da Variação Linguística no Ensino de Geografia

Arlete Menezes Lourenço-Bakovicz , Loremi Loregian-Penkall

66-77

Ensinar a Ler é Preciso

Ana Cláudia de Souza , Silvane Daminell

78-97

A Leitura Digital e o Monitoramento da Compreensão: Processos Inferenciais e Estratégicos de Leitores wProficientes em Língua Inglesa como L2

Leonilda Procailo , Sidnei Werner Woelfer , Lêda Maria Braga Tomitch

98-117

Uma Proposta Funcionalista para o Ensino da Hipotaxe Adverbial

Luciano Araújo Cavalcante Filho

118-129

O Ensino de Língua Portuguesa em uma Escola Indígena Bilingue da Terra Indígena Apucarantina

Luana Camila Costa , Isabella Medeiros Ferro

130-142

Rasuras em contexto digital na escrita universitária: de que ‘outros’ é preciso se defender e a que outros é preciso recorrer?

Luana Camila Costa , Isabella Medeiros Ferro

143-157

Compreensão leitora, TDAH e aprendizagem?

Márcia Volani Cordova de Oliveira , Luciane Baretta

158-172

A construção da identidade da pessoa autista na visão de professores do ensino fundamental

Idelma Divina da Silva , Kênia Mara de Freitas Siqueira

173-187

Professor-autor de Recursos Educacionais Abertos: Uma Identidade em Construção	
Carolina Fernandes Alves , Vilson Leffa	188-206
O contributo da Literatura para o Processo de Aprendizagem da L2: o Recurso à Crónica de Imprensa	
Ângela Filipe Lopes , Maria da Graça L. C. Pinto	207-224
A Leitura em Antonio Candido e João Cezar De Castro Rocha [Reflexões iniciais]	
Valdir Prigol	225-232
Maternidade como novum em The Handmaid's Tale (1985) de Margaret Atwood	
Mabiana Camargo , Neide Garcia Pinheiro	233-245
Discurso e Memória de uma mulher desobediente em Carta à Rainha Louca	
Denise Witzel , Níncia Borges Teixeira	246-258
Aspectos Dialógicos em Anúncio Publicitário de Cervejaria: Reflexões a partir dos Pressupostos do Círculo de Bakhtin	
Lais Karina Buchener , Cristiane Malinoski Pianaro Angelo , Luciane Trennephol da Costa	259-274
Uma Análise da Descortesia como um Fenômeno Discursivo de Persuasão em Interações Agonais e Trilogues: O Embate Político-Eleitoral	
Ana Paula Albarelli	275-288
Formações discursivas sobre o Impeachment de Dilma Rousseff em Reportagens das Revistas Veja e Carta Capital	
Anísio Batista Pereira , Antoniel Guimarães Tavares Silva	289-301
Currículo, Leitura, Leitura e Sistemas, Discriminatórios: há Alternativas?	
Margarida Gandara Rauén	302-313
Nobody Knows: Oppression and Resistance in the Narratives of Frederick Douglass And Olaudah Equiano	
Gladir da Silva Cabral	314-327
Literatura para Crianças e Relações Étnico-Raciais: Reflexões sobre a Formação do Professor no 1o. ciclo do Ensino Básico em Portugal	
Wendel Cássio Christal , Rómina de Mello Laranjeira	328-344
Gringo in Mañanaland: Latin America in Hollywood	
Anelise Reich Corseuil	345-353

Subjetividade, Política, Cultura: Eixos para Pensar a Entrevista Midiática como Fonte para a Pesquisa Científica	
Daniela Silva da Silva	354-369
Os Nomes e as Coisas: (Re)Discutindo a Linguagem do Crátilo de Platão	
Amanda Mikaelly Nobre de Souza	370-379
A Paisagem Sonora para Bruno Stein	
Viviane Aparecida Pandolfo Debortoli , Gérson Luís Werlang	380-392
Antônio Vieira Repaginado: a Construção Argumentativa e Narrativa na Adaptação de Sermões para Histórias em Quadrinhos	
Viviane Aparecida Pandolfo Debortoli , Gérson Luís Werlang	393-404
A Adesão à Malandragem pelo Narrador de ‘Malagueta, Perus E Bacanaço’, de João Antônio	
José Luis Bubniak	405-415
Uma Leitura Política do Narrador em A Ladeira De Gererê	
Carla Alexandra Ferreira , Saulo de Oliveira	416-424
Corpos Estranhos na Poesia Brasileira contemporânea: Adenize Franco, presente!	
Elizandra Fernandes , Adenize Aparecida Franco	425-436

Dossiê: 50 ANOS DE TEXTOS FUNDADORES:

Prefácio

Claudia Finger-Kratochvil,
Luciane Baretta,
Neide Garcia Pinheiro

Alguém senta a uma mesa ou deita num sofá
enquanto olha imóvel para a parede ou para o teto
De quando em quando, essa pessoa escreve sete
linhas, só para riscar uma delas quinze minutos
depois, em seguida mais uma hora se passa, durante
a qual nada acontece

Wisława Zymborska

Elaborar este prefácio foi uma experiência como a descrita por Zymborska. Linhas escritas, linhas apagadas. Por vezes, nada acontecia, nenhuma linha. No ato de rabiscar surgiam dúvidas sobre as escolhas a serem feitas, a palavra certa, a expressão adequada, as conexões mais interessantes, a metáfora perfeita. E, por falar em metáfora, gostamos de pensar no contexto em que este trabalho se insere - a área de Letras - como um vasto mar, com muitas cores e matizes, pleno de vida e de diversidade. Percebemos então que é justamente isso! Essa é nossa missão nas Letras: navegar, por meio da linguagem, neste oceano em sua multiplicidade de formas de expressão, buscando compreender seus limites, suas possibilidades, suas interfaces. Acreditamos que todos os artigos aqui publicados foram produtos desse processo criativo, ainda que expressem resultados de pesquisa e tenham por base o gênero de escrita científica. Escrever é tanto uma arte como uma ciência. Por isso, prestamos nossa homenagem aos autores que muito gentilmente aceitaram fazer parte deste volume, dando o melhor de si para compor este trabalho conjunto. Estes artigos são como preciosas pérolas, dádivas pelas quais somos muito gratas. Também homenageamos nossos colegas, estudantes e egressos dos Cursos de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNICENTRO por fazerem parte desta nossa história, a qual retratamos, brevemente, a seguir.

O ano de 1970 marca o início da história da antiga faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guarapuava (FAFIG). Meio século! Era como uma pequena ilha em um mar infinito, mas aquela faculdade no interior do Paraná - e com ela, um de seus pioneiros, o Curso de Letras - já estava destinada a crescer.

Em 1990, a então FAFIG uniu-se à sua irmã, a Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Irati (FECLI) e juntas formaram a Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E, no movimento das ondas desse grande mar, em 2010, a trajetória do Curso de Letras de Guarapuava - agora irmanado ao Curso de Letras de Irati - incluiria a aprovação do Curso de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Três ilhas irmanadas para a construção do conhecimento. Assim, neste ano de 2020, comemoram-se os 50 anos do Curso de Letras, os 30 anos da criação da UNICENTRO e os 10 anos do PPGL, celebração esta que é coroada com a aprovação do Doutorado em Letras.

Mas, em meio a celebração, este ano tem também as marcas de lutas. Ventos fortes se abateram sobre nós. Aos desafios políticos e econômicos que normalmente se interpõem à expansão do conhecimento, especialmente, na área das Humanidades, mesmo na universidade pública, somou-se um desafio maior. Agora enfrentamos também uma crise de saúde mundial. Nos idos de março, o que parecia estar distante, bateu à nossa porta repentinamente. Fez-se necessário nos adaptarmos a um novo contexto, baseado no distanciamento social, em virtude da maior pandemia do século XXI. Professores e estudantes perderam o contato presencial. O quadro de giz foi substituído pelas telas de computadores ou de dispositivos móveis. Nossas casas passaram a abrigar salas de aula virtuais. As fronteiras entre o pessoal e o profissional mostraram-se cada vez mais permeáveis. Sofremos pelo desgaste físico e emocional causado pelo isolamento e pelas demandas do trabalho e do estudo virtual. A saúde de todos - pais, estudantes, amigos, colegas e a nossa própria - tornou-se a maior de nossas preocupações.

Mas as tempestades que agitam o oceano também lhe dão força para o movimento. Que as muitas dificuldades, como grãos de areia às nossas margens, sejam contornadas e moldadas pelos movimentos incessantes das ondas do mar infinito do conhecimento e, principalmente, da sabedoria - tão necessária em tempos difíceis. Que cada projeto de ensino, pesquisa ou extensão desenvolvido pela comunidade universitária seja o sustentáculo de uma instituição cada vez mais sólida e firme, mesmo diante das inúmeras tempestades que possam tentar assolá-la. Foi pensando nesse movimento, ora mais calmo, ora mais bravo, que nos inspiramos a aceitar o desafio de organizar este volume, uma tarefa laboriosa, mas ao mesmo tempo tão grata, pois se trata de um ato de celebração. Porque, diante de tantas turbulências, mais do que nunca é preciso celebrar nossa história, nossas lutas e conquistas e, assim, frente aos desafios, moldar novos caminhos.

Para compor este dossiê contamos com o apoio e colaboração de muitas pessoas. Algumas delas têm uma relação muito próxima com a universidade, com o Curso de Letras ou com o PPGL e se sentiram entusiasmadas em participar de nossa comemoração ao compartilhar seus conhecimentos e experiências de pesquisas, extensão e ensino relativos à área de Letras. No entanto, com muita satisfação, recebemos também muitos artigos enviados por pessoas que, pela colaboração com este dossiê, agora se integram à nossa história. Os artigos aqui apresentados versam sobre os mais diversos temas na área de língua, linguística e literatura, bem como nas suas interfaces e relações com outras artes e áreas de conhecimento. O elemento unificador de todos os trabalhos é, portanto, o desejo de contribuir para a disseminação de conhecimento em Letras, demonstrando, dessa forma, a multiplicidade, a amplitude e a riqueza que constituem nossa área.

Com relação à estrutura do dossiê, ressaltamos que sua tessitura buscou aproximar as produções com base em algumas possibilidades de diálogo. Alguns artigos exploram, por diferentes perspectivas, temas referentes às legislações de ensino, como a Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Outros

apresentam discussões sobre leitura ou escrita, a partir de diferentes possibilidades teóricas. Outros tratam das relações da literatura com diferentes mídias, tais como, as HQs. Outros têm como enfoque diferentes objetos de pesquisa, como a política, a publicidade e o cinema, explorando as perspectivas das teorias sobre discursos. Ainda assim, optamos por não estipular categorias para a organização dos artigos, pois é na permeabilidade das fronteiras, muito característica dos estudos de interface entre língua, linguística, literatura e outras áreas de conhecimento, que está a riqueza da matéria prima deste dossiê. E, assim, certamente o leitor também poderá identificar muitas outras aproximações entre as produções aqui publicadas.

Precedendo a seção de artigos, consideramos ser muito pertinente incluir uma das pessoas que tiveram uma participação fundamental no Curso de Letras da UNICENTRO, especialmente em suas primeiras décadas. Dessa forma, em “Letras e histórias: conversando com Mail Marques Azevedo”, tivemos a oportunidade de ouvir de nossa convidada, as memórias sobre a sua experiência, na década de 1970, como estudante e depois professora da recém criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guarapuava. São indelévels as marcas de sua passagem pela UNICENTRO. Foi também Diretora de Pesquisa e, portanto, participou de forma direta dos primeiros movimentos para a criação e solidificação da esfera da pesquisa nesta universidade. Participou das discussões e do movimento local e regional pela instauração da UNICENTRO. A história da Professora Mail entrelaça-se diretamente com a de muitos professores, pesquisadores e servidores da universidade que hoje atuam no curso de Letras, especialmente na área de língua e literatura de língua inglesa, incluindo Lidia Stutz e Neide Garcia Pinheiro que contribuem para este dossiê.

Na continuidade de movimentos de tessitura de preciosos elementos que provêm dos mares - o mais valioso recurso natural do planeta -, encontramos trabalhos que discutem, a partir de óticas diferentes, alguns documentos que têm norteado a Educação Básica. Um destes, a BNCC, é documento que passou por modificações sensíveis, ao longo de vários anos, tendo iniciado com o primeiro Grupo de Trabalho sobre Direitos à Aprendizagem e ao Desenvolvimento - GT-DiAD em junho de 2013, perdurando até fevereiro de 2015, com várias reuniões de trabalho e contribuições registradas (BONINI, DRUCK, BARRA, 2018). De 2015 a 2018, o documento passou por 4 versões, até materializar-se na versão aprovada, em 2018, e que tem norteado as discussões nos estados e municípios. Parar para refletir a respeito deste movimento e seus resultados, ao longo dos anos, é imprescindível.

Assim sendo, iniciamos a seção de artigos com “Um estudo sobre o currículo Rede Estadual do Paraná: A oralidade no ensino de línguas”, de Lidia Stutz e os co-autores, Mauri Moraes e Rosane Klinpovous que direcionam o olhar do leitor para um dos documentos em pauta para a constituição do currículo da escola de educação básica, processo decorrente da Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Os autores discutem o Currículo da Rede Estadual do Paraná – CREP, documento recente proposto para orientar o desenvolvimento da oralidade no ensino de línguas portuguesa e inglesa no Paraná, com foco no 6º ano, partindo da abordagem de estudos dos gêneros textuais na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo. Entre as várias diferenças apontadas, o fato da língua portuguesa ser a L1 e a língua inglesa – LI – ser língua estrangeira, e, portanto, implicar em sua introdução no currículo escolar, acaba em proposições mais restritivas no desenvolvimento do trabalho, o que pode resultar em lacunas na formação do estudante. Além disso, comparativamente, na LI, há outras ausências que

indicam ainda uma perspectiva tradicional da aprendizagem da língua. Essas questões precisam adentrar a discussão crítica das propostas que têm sido colocadas em cena nos palcos da escola em todo o país.

Também se concentram em estudos sobre a BNCC Cláudia Maris Tullio e Cindy Mery Gavioli-Prestes. No artigo “As práticas de produção de texto na Base Nacional Comum Curricular e a (re) construção da identidade do aluno: um olhar”, as autoras apresentam reflexões sobre o eixo da produção de textos, na Base Nacional Comum Curricular, área de Língua Portuguesa. Tomando como fundamento três embasamentos teóricos: Teoria da construção da Identidade, Teoria da Análise Crítica do Discurso de Fairclough e modos de operação de ideologia de Thompson, as autoras mostram que a BNCC, ao assumir uma perspectiva enunciativa-discursiva para o ensino de Língua Portuguesa, elege o texto como elemento central do ensino. Ao analisar o viés teórico adotado pela Base, as pesquisadoras observam que o documento adota uma visão ampla e atualizada acerca do conceito de texto e de gêneros, enfatizando, contudo, que há muito a ser discutido, ainda.

Outro artigo que se refere à BNCC, de autoria de Andréia Inês Hanel Cerezoli, é “Teoria da polifonia e o ensino de Língua Portuguesa: Contribuições para o desenvolvimento de habilidades estabelecidas pela BNCC”, o qual propõe uma ponte entre duas orientações da Base para o componente de Língua Portuguesa: o texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas. Fundamentada na teoria de Oswald Ducrot e colaboradores, a autora apresenta uma proposta de transposição didática tendo como enfoque o desenvolvimento da compreensão em leitura e mostra-nos que a teoria “possibilita a análise de fenômenos linguísticos significativos para a qualificação das interações enunciativas”.

A legislação de ensino também é um dos enfoques do artigo intitulado “Abordagens da variação linguística no ensino de Geografia”, de Arlete Menezes Lourenço-Bakovicz e Loremi Loregian-Penkal que analisam como a variação linguística é abordada na disciplina de Geografia. Tendo como aporte teórico a Sociolinguística, as pesquisadoras analisam os documentos oficiais (Parâmetros Curriculares Nacionais e Diretrizes Curriculares do Estado do PR) e dois livros didáticos de 7º ano para averiguar como o ensino de Geografia contribui para o processo de leitura e escrita dos escolares e como aborda a variação linguística. As análises apresentadas mostram que a disciplina não apresenta, explicitamente, em seus documentos norteadores e nem no material didático analisado, orientações para que o professor se engaje nos processos de ensino de lecto-escritura e de conscientização da variação e respeito linguístico.

Outros dois temas em discussão neste dossiê são a leitura e a escrita. Ao ler cada um dos trabalhos, neste conjunto, o leitor percebe que ler e escrever é matéria de (pre)ocupação em diferentes pesquisas e por diferentes razões. Percebemos que há autores que estudam e se manifestam a respeito da relação que o leitor estabelece com o texto e, assim, negocia significados e sentidos, a partir da palavra e de suas funções, seja no texto literário, seja no texto expositivo - em suportes distintos e de forma estratégica. Observamos que o(s) processo(s) [de compreensão] em leitura e [de produção] escrita envolvem também habilidades de alta demanda cognitiva e necessitam de ensino para que ocorra aprendizagem, em L1, L2, LE, língua adicional. Neste cenário de formas e cores que refletem a luz que chega nos mares-escola, destaca-se imprescindivelmente a importância do professor. Os vínculos com a comunidade em que se insere são imprescindíveis para que no protagonismo que lhe cabe possa educar para o respeito aos valores culturais e linguísticos das e nas diferenças, observar as necessidades de seus estudantes e ser autor dos materiais que acompanharão a sua prática. Considerando esta diversidade nas matizes dos corais, descobrimos que muito há por ser ainda estudado para ser melhor compreendido.

Esta é a discussão proposta no artigo de Ana Cláudia de Souza e Silvane Daminelli, intitulado “Ensinar a ler é preciso”. Alicerçadas nos fundamentos da Psicolinguística, as autoras utilizam textos audiovisuais estrangeiros legendados curtos, os curta-metragens, para desenvolver uma ação pedagógica que se desdobra em pré-exibição, exibição e pós-exibição para, dentre outros objetivos, promover condições para a compreensão do texto e o sucesso na realização das atividades de 56 estudantes de 7º ano. A intervenção pedagógica ocorreu em oito encontros, com um curta-metragem (legendado) trabalhado a cada semana. Os resultados oriundos das análises revelam o aumento do desempenho em compreensão escrita e o crescente envolvimento dos partícipes da pesquisa nas atividades sendo desenvolvidas, evidenciando uma alteração perceptível desse grupo de alunos na escola: estudantes antes tímidos, passaram a ter voz ativa nas atividades de outras disciplinas e muitos deles passaram a frequentar a biblioteca da escola por escolha própria, sem a demanda de aula ou do professor.

A leitura também é o centro das discussões no artigo intitulado “A leitura digital e o monitoramento da compreensão: Processos inferenciais e estratégicos de leitores proficientes em língua inglesa como L2”, no qual Leonilda Procailo, Sidnei Werner Woelfer e Lêda Maria Braga Tomitch apresentam um recorte dos dados oriundos da leitura de dois textos expositivos em duas modalidades: digital linear e digital não-linear (hipertexto). A análise das verbalizações sugere que os leitores são estratégicos no tocante aos procedimentos adotados por eles (uso do contexto, conhecimento do tópico, previsões, atenção à tarefa solicitada) quando encontram dificuldades durante a leitura, no entanto, os “procedimentos estratégicos não variaram consideravelmente da modalidade sem links para o texto hiperlinkado, a não ser pela opção de recorrer à uma leitura mais linear”.

Tendo como enfoque a leitura e escrita, o artigo “Uma proposta funcionalista para o ensino da hipotaxe adverbial”, escrito por Luciano Araújo Cavalcante Filho apresenta os resultados de uma pesquisa sobre o ensino das chamadas ‘orações adverbiais’. Atividades sobre as orações hipotáticas adverbiais iniciadas pela conjunção “quando” (usada em contextos que podem ser depreendidas as relações de tempo, condição, concessão, motivo) foram elaboradas a partir dos dados obtidos na sondagem. Estas atividades tiveram como objetivo o aprimoramento das habilidades de leitura e escrita, inserindo os estudantes em situações reais de uso da língua e conduzindo-os à reflexão e ao uso de orações adverbiais. Os dados apresentados revelam “a eficácia da proposta de ensino voltada à análise e reflexão sobre os recursos da língua a partir de uma perspectiva funcional”.

O contexto escolar é também objeto de estudo em “O ensino de Língua Portuguesa em uma escola indígena bilíngue da Terra Indígena Apucarantina”, de autoria de Luana Camila Costa e Isabella Medeiros Ferro. O objetivo das autoras é discutir os dados de uma pesquisa de levantamento acerca de como se dá o ensino bilíngue e as atitudes de dois professores sobre este processo. As pesquisadoras observam, no decorrer de sua análise, que o ensino da Língua Portuguesa carece de recursos humanos (formação e permanência dos professores, que possuem vínculo temporário) e de recursos pedagógicos (planejamento e desenvolvimento de materiais). Outrossim, quanto à atitude linguística dos professores entrevistados perante à Língua Portuguesa, esta é vista como uma imposição, sobrepondo-se ao Kaingang, língua materna dos estudantes, não havendo, contudo, uma valorização negativa quanto à produção oral na segunda língua pelos estudantes, pois, de acordo com os professores, o desempenho comunicativo dos alunos na Língua Portuguesa é eficaz.

Voltando o olhar para a escritura de textos no contexto acadêmico, Tatiane Henrique Sousa Machado discute o processo de (re)escrita do gênero de texto opinião, a partir de pressupostos teóricos de heterogeneidades enunciativas de Authier-Revuz (1990). Em “Rasuras em contexto digital na escrita universitária: de que ‘outros’ é preciso se defender e a que outros é preciso recorrer?” o leitor poderá refletir sobre os resultados da análise que aponta para a presença de discursos (e seus diferentes registros e marcas) que se evidenciam no processo de (re)escritura, as rasuras, e suas representações. Os dados revelam alguns dos conflitos existentes e as negociações entre os sujeitos da enunciação e, como a autora aponta, a ampliação do corpus – diferentes gêneros e esferas de produção – trará mais elementos à elucidação desta negociação de discursos e outras luzes para a pesquisa nesta área de grande relevância no percurso da democratização do ensino superior.

As autoras Márcia Volani Cordova de Oliveira e Luciane Baretta tratam de um tema muito pertinente para o contexto do processo de ensino e aprendizagem e a escola: ou seja, a inclusão de estudantes com Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade-TDAH, considerando a compreensão em leitura. Ao discutir os vários processos envolvidos no processamento do texto, visando à compreensão em leitura, as autoras apontam para elementos que podem trazer disrupturas, especialmente, porque os estudantes precisam de atenção e processos cognitivos mais altos que envolvem, por exemplo, concentração, integração de funções da memória, tornando-se desafios complexos a serem superados pelo estudante com TDAH. A ciência da complexidade do processo pode auxiliar a escola, os professores e os próprios pais a buscarem profissionais que possam orientar o trabalho e minimizar os efeitos (inclusive os colaterais como menor autoconfiança) para um percurso bem-sucedido que a complexidade dos processos em leitura apresenta para ser dominada. Trata-se então de um artigo cuja leitura certamente contribuirá para as reflexões sobre um tema tão importante e complexo como a TDAH.

Aliado ao tema da inclusão, apresentamos o artigo intitulado “A construção da identidade da pessoa autista na visão de professores do ensino fundamental”, de Idelma Divina da Silva e Kênia Mara de Freitas Siqueira. Partindo do campo escolar enquanto lugar de construção de subjetividades e fundamentadas na análise interpretativista de Bardin, as autoras investigam as respostas de dez professores sobre suas impressões em relação ao convívio com alunos com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista. As pesquisadoras observaram que o contexto escolar (público e privado) não revelou diferenças: os problemas relacionados à compreensão das particularidades da pessoa autista são idênticos, sendo desta forma, necessário refletir sobre a identidade das pessoas autistas, “com vista a descortinar preconceitos, mitos e promover a construção de identidade/s que relacionem socialmente, para além do caráter limitador do diagnóstico.” Este é, portanto, um importante artigo que contribuirá para o aprimoramento da compreensão da pessoa autista.

A identidade e a autoria do professor é o enfoque do artigo “Professor-autor de Recursos Educacionais Abertos: Uma Identidade em Construção”. Carolina Fernandes Alves e Wilson Leffa tratam a respeito do professor-autor, especialmente diante do contexto de “ampla disponibilidade de recursos digitais e a emergência de modalidades híbridas de ensino [que] possibilitam que o professor que (re) cria seus materiais didáticos (...) se torne protagonista da criação didática”. A partir da discussão sobre autoria e identidade, os autores exploram o que eles consideram “pilares da autoria docente” e que são os seguintes: “(a) criatividade; (b) curadoria; (c) prazer e (d) sabedoria digital.” Tendo como base uma bibliografia rica sobre o tema, trata-se de um texto fundamental para a reflexão sobre o processo de

identidade, subjetividade, autonomia e empoderamento do professor-autor. É um artigo imperdível sobre a prática de autoria de materiais didáticos.

O trabalho “O contributo da literatura para o processo de aprendizagem da L2: o recurso à crónica de imprensa” chama o leitor para a reflexão a respeito do texto literário e seu papel na construção dos processos em níveis mais altos da lectoescritura no contexto da LE. As autoras, Ângela Filipe Lopes e Maria da Graça L. C. Pinto apresentam diversas razões que devem ser consideradas, pautando a importância da inclusão deste gênero literário para o processo de ensino-aprendizagem de língua: os possíveis benefícios da narratividade para a saúde mental, os processos de compreensão que envolvem habilidades cuja mobilização de recursos cognitivos e linguísticos direciona-se aos níveis de estrutura profunda, o gênero fazer-se presente nos critérios de avaliações de proficiência, sendo, a crônica, um texto mais breve que o romance, característica facilitadora de sua abordagem em cursos de curta duração, o caráter menos utilitarista e mais reflexivo para a leitura e a escrita, por exemplo. Certamente, a leitura do artigo permitirá seguir, em detalhes, a argumentação apresentada pelas autoras e construir um olhar mais crítico a respeito do assunto.

Já em “A leitura em Antonio Candido e João Cezar De Castro Rocha [Reflexões iniciais]”, Valdir Prigol propõe uma interessante discussão sobre como esses dois críticos literários abordam a questão da leitura nos seus trabalhos, que envolvem, basicamente, três movimentos: o corpo a corpo com o texto, em que autor e leitor possuem a mesma importância, para então passar para a produção do conhecimento, que se desdobra em história e teoria, que “vem para pensar o que nasce da relação”. Revisitar os textos destes dois autores é a recomendação final de Prigol, haja vista a contribuição dos críticos para que seja construída uma compreensão mais profunda e criadora da leitura literária.

O mergulho nos oceanos deste dossiê revela-nos que a beleza não se restringe aos corais, há outros seres marinhos de formas e cores igualmente deslumbrantes: entre eles, as estrelas do mar... Apresentam sensibilidade à luz e ao toque. E, embora não aparente, possuem ossículos, constituição pequenina que lhes confere rigidez e proteção. Sua reprodução tanto pode ocorrer pela fertilização, quanto por sua duplicação. Muitos braços são possíveis. A regeneração lhes é intrínseca. O olhar para temas sensíveis na constituição da sociedade requer muitas estrelas do mar. E, assim, perpassa, em muitos momentos, as artes, o cinema, a literatura, onde se pode transgredir, mas também se corre o risco de ser alijado de espaços de circulação: *who knows?* Espaço para se trazer à cena processos de reconstituição de identidades étnico-raciais, de gênero, por exemplo. Precisamos ser capazes de entender o que, em seus ossículos, nos revelam os discursos e seus movimentos a cada dia. As estrelas do mar, apesar das tentativas de desintegração, mostram que são capazes de se recompor: lhes quebram. Elas se reconstituem. E seguem. À nós, sua maior lição: resistir é preciso. Ao leitor, cabe agora observar cada uma das estrelas do mar deste dossiê e refletir a partir do que as compõem. Temos convicção de momentos de muita riqueza.

Mabiana Camargo e Neide Garcia Pinheiro provêm uma leitura do romance *The Handmaid's tale* no artigo intitulado “Maternidade como *novum* em *The Handmaid's Tale* (1985) de Margaret Atwood”, dando destaque, conforme o título aponta, à maternidade, tema central dessa narrativa futurista e inquietante. Utilizando-se de teorias de Ficção Científica e/ou Ficção Especulativa e especialmente do conceito de *novum* proposto por Darko Suvin, as autoras buscam refletir sobre discursos que historicamente se disseminam sobre a maternidade. Esta é apresentada de forma desconcertante e complexa no romance atwoodiano, o qual sugere, “(...) a partir do *novum* que nele se estabelece, que não se está livre do retorno do ‘velho’

em roupagem nova.” O romance ilustra como, historicamente, muitas mulheres têm sido oprimidas pelos discursos que se construíram sobre a maternidade. É uma leitura necessária, especialmente em tempos de crises, quando a opressão, em discursos e práticas, atinge as mulheres.

Os discursos sobre as mulheres também são o foco do artigo “Discurso e memória de uma mulher desobediente em Carta à Rainha Louca”, no qual Denise Gabriel Witzel e Níncia Borges Teixeira analisam a obra *Carta à Rainha Louca* de Maria Valéria Rezende, sob a perspectiva dos Estudos Discursivos Foucaultianos e dos Estudos Culturais. Para as autoras, “Hoje, observamos uma nova configuração social e novas subjetividades da mulher advindas das conquistas femininas, e, mesmo assim, ainda é comum a atuação de práticas e representações que reforçam a relação de opressão entre os sexos.” Nesse sentido, as pesquisadoras ressaltam como a perspectiva proposta para a abordagem do romance possibilita que se trilhem “os espaços de sombra, engendrados por uma História que silenciou e marginalizou inúmeros acontecimentos e sujeitos sociais.” Este trabalho contribui para a reflexão sobre as representações que têm historicamente sido construídas sobre a mulher e a discussão conduzida é enriquecida pela articulação de uma interessante interface entre língua e literatura.

Anúncios publicitários de cervejaria, causadores de descontentamentos, principalmente do público feminino, são discutidos por Lais Karina Buchener, Cristiane Malinoski Pianaro Angelo e Luciane Trennephol da Costa, no artigo “Aspectos dialógicos em anúncio publicitário de cervejaria: reflexões a partir dos pressupostos do Círculo de Bakhtin”. Os conceitos de enunciado, contexto extraverbal e entoação são analisados num anúncio de circulação nacional criado pela Cia Brasileira de Bebidas Premium, buscando estabelecer um contraponto com uma ação publicitária desenvolvida pela cervejaria Gauden. A análise apresentada pelas autoras nos mostra os estereótipos que sustentam a construção social de gêneros: ‘cerveja com sabor leve, delicado, perfumado com rótulo rosa’, pensada especialmente para as mulheres, rótulos estes que revelam “marcas latentes na nossa sociedade, não convergindo, assim, para a busca por um espaço de desconstrução destes simbolismos direcionados aos homens e às mulheres.” Este é mais um trabalho que contribui para a reflexão a respeito dos estereótipos femininos, presentes e marcados em anúncios publicitários.

Em “Uma análise da descortesia como um fenômeno discursivo de persuasão em interações agonais e trilogues: O embate político-eleitoral”, Ana Paula Albarelli analisa a linguagem verbal de dois interlocutores de debate político eleitoral, evento comunicativo “cujos atos descorteses são ritualizados, em virtude da natureza da interação”, por meio da qual seus partícipes buscam ameaçar a imagem do outro de forma deliberada. A autora propõe, dentre as estratégias de autopromoção, da desqualificação do outro, dentre outras, uma nova categoria de análise para a descortesia: a manipulação estratégica do âmbito de referência do falante para produzir ameaças. A leitura deste artigo é uma boa contribuição aos interessados nos estudos acerca da interação em eventos comunicativos conflituosos, como o debate político.

O debate político também é pauta do artigo “Formações discursivas sobre o impeachment de Dilma Rousseff em reportagens das revistas *Veja* e *Carta Capital*”, no qual Anísio Batista Pereira e Antoniel Guimarães Tavares Silva elaboram um estudo comparativo de duas reportagens publicadas, em 2016, pelas respectivas revistas. Tendo como base conceitos provenientes da Análise do Discurso de linha francesa, os autores examinam as formações discursivas divergentes dos dois veículos em meio aos embates de informação referentes envolvendo o discurso político.

A frequente utilização de referenciais teóricos europeus e masculinos na área de linguística, letras e artes é discutida em “Currículo, leitura, e sistemas discriminatórios: Há alternativas?”, por Margarida Gandara Rauen, Margie, incitando o leitor a refletir sobre as possibilidades para a ampliação da visibilidade de mulheres artistas e escritoras no ensino de artes e literatura. Partindo do tema da diversidade cultural e identidades, a pesquisadora chama a atenção para a predominância de bibliografias andocêntricas nas diversas áreas do conhecimento que reproduzem os ‘estereótipos culturais de exclusão’ e ‘o habitus patriarcal’, para então apresentar como eles são reproduzidos nos referenciais de leitura para o ENEM, nas listas de vestibular e nos livros do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD. O artigo é leitura provocativa e obrigatória a “todas/todos as/os docentes que porventura estejam buscando práticas pedagógicas coerentes com uma atitude inclusiva.”

Opressão e resistência escravagista são temas do artigo “Nobody knows: Oppression and resistance in the narratives of Frederick Douglass and Olaudah Equiano”, de autoria de Gladir da Silva Cabral, que tem como enfoque duas importantes narrativas autobiográficas de escravos, Equiano e Douglas, que viveram nos séculos XVIII e XIX, respectivamente. As duas narrativas discorrem sobre a escravidão, a religião, a economia, e a justiça institucional, esta última se caracterizando como “outro alvo de ataque das narrativas”. A análise apresentada pelo autor revela que apesar de Equiano e Douglas serem limitados pelo meio e pelas concepções do tempo em que viviam, eles foram capazes de desenvolver seu pensamento crítico e dominar a linguagem, de se posicionar na sociedade por meio da criação de uma identidade capaz de questionar as relações de poder e as instituições sociais para assim, ajudar seu povo a resistir à opressão.

Em princípio, relações étnico-raciais parecem ser temas para reflexões no Novo Mundo, pois nele se concentrariam em grande medida as (in)fluências de tantos outros mundos (uns nos outros). Contudo, Wendel Cássio Christal e Rómima de Mello Laranjeira trazem ao leitor a discussão, relacionando-a ao campo da literatura infantil no contexto escolar em Portugal. A partir de alguns dados de documentos que abordam o racismo na Europa e Portugal, os autores pontuam o olhar do Velho Mundo e o espaço que as relações étnico-raciais têm (ou não) ocupado na pauta do currículo oficial e no trabalho com o tema por meio da literatura infantil em território português. As obras elencadas para o trabalho são em número reduzido e de autores de outras nacionalidades. Além da análise dos documentos, as respostas a um questionário aplicado a professores apontam a fragilidade para o trabalho em sala de aula por ausência ou por desconhecimento e orientação, por exemplo. Por essas razões, Christal e Laranjeira pontuam a importância da formação de professores e da ampliação do diálogo entre Brasil e Portugal, a começar pelo conjunto de obras existentes no Novo Mundo de excelente qualidade.

Estereótipos sobre a América Latina são abordados no artigo intitulado “*Gringo in Mañanaland: Latin America in Hollywood*”, em que Anelise Reich Corseuil apresenta uma interpretação do documentário *Gringo in Mañanaland* da cineasta DeeDee Halleck, que trabalha com mídia alternativa desde a década de 1970. Halleck é um dos grandes nomes no desenvolvimento da mídia aberta. Produzido em 1995, *Gringo in Mañanaland* é representativo de uma estética reflexiva da produção de documentários contemporâneos, que por sua vez, desvela “um fecundo debate político, econômico e cultural, como alternativa à produção cinematográfica comercial” e mostra o cinema como uma “ferramenta para revisão histórica.” Nesse processo revisionista, o documentário de Halleck enfoca nos estereótipos latino-americanos construídos pelo cinema *mainstream*, especialmente por Hollywood. Assim, o artigo de Corseuil é de leitura

fundamental para a reflexão tanto sobre a mídia *mainstream* como veículos que historicamente têm construído estereótipos sobre a América Latina, quanto sobre a possibilidade de resistência oferecida pelas mídias alternativas.

O gênero entrevista midiática é analisado por Daniela Silva da Silva em “Subjetividade, política, cultura: Eixos para pensar a entrevista midiática como fonte para a pesquisa científica”. O espaço biográfico e autoficcional do gênero em análise, permite entender o sujeito sob os holofotes, que neste artigo, analisa as entrevistas de Roberto Carlos e do historiador Paulo Cesar de Araújo, sobre a publicação de uma biografia não autorizada do primeiro. Mostrando-se como uma fonte de pesquisa para investigar os ditos e não-ditos, as performances, os meios e os suportes, a entrevista midiática contribui para discutirmos as diversas facetas dos “saberes heterogêneos de como as falas configuram e reconfiguram alocações, sujeitos e culturas.”

Reflexões sobre a linguagem e suas implicações são também apresentadas em “Os nomes e as coisas: (re)discutindo a linguagem do Crátilo de Platão”, de autoria de Amanda Mikaelly Nobre de Souza. Uma discussão filosófica antiga, proposta por Platão no Diálogo Crátilo, é retomada pela autora que se propõe a (re)discutir a linguagem quanto à aplicação dos nomes em relação às coisas. Dentre as várias teorias e questões que a obra Crátilo apresenta, a pesquisadora explora as teses naturalismo e convencionalismo, que tratam da origem dos nomes que designam as coisas, para discorrer acerca do objeto de estudo das ciências da linguagem: a própria linguagem. De acordo com a discussão proposta no artigo, a Souza afirma “que o estudo em torno da linguagem é inconclusivo, e o diálogo platônico revela isso, uma vez que não apresenta respostas acerca da aplicação dos nomes às coisas e da linguagem enquanto instrumento do conhecimento”; ao contrário, surgem novos questionamentos e inquietações que originam, por sua vez, diferentes perspectivas de estudos.

Na perspectiva da linguagem sonora, Viviane Aparecida Pandolfo Debortolli e Gérson Luís Werlang lançam o olhar para uma das novelas do escritor gaúcho Charles Kiefer. Em “A paisagem sonora para Bruno Stein”, os pesquisadores propõem a interessante discussão sobre como a sonoridade à qual os personagens, sogro e nora, estão envolvidos, tem importância para o desenrolar da narrativa amorosa. Cercado e estimulado constantemente por sons que ativam suas lembranças, o protagonista Bruno rememora seus tempos de infância, na busca por tentar encontrar a si mesmo para então se permitir uma nova vida, entrelaçada pelos (novos) sons que a circundam.

Saulo Gomes Thimóteo em “Antônio Vieira repaginado: a construção argumentativa e narrativa na adaptação de sermões para histórias em quadrinhos”, tem como enfoque um projeto voltado à aproximação entre literatura e história em quadrinhos (HQs). Para o autor, HQs são ferramentas que possibilitam, especialmente ao público em idade escolar, o contato com obras de autores como Antônio Vieira: “Trazer os sermões vieirianos (ou outros de igual complexidade) sob essa nova roupagem é uma forma de aproximar a obra canônica dos contextos de produção e de repertório dos alunos”. O artigo, então, apresenta o processo de adaptação do texto literário para os quadrinhos, ressaltando a leitura crítica do texto base, bem como as diretrizes do texto imagético.

O papel do narrador é foco de “A adesão à malandragem pelo narrador de ‘Malagueta, Perus e Bacanaço’, de João Antônio”, que nos permite visualizar, por meio da análise cuidadosa de José Luis Bubniak, um narrador onisciente intruso que parece aderir ao perfil de ‘malandro’ de três jogadores de sinuca que percorrem bares paulistanos com o intuito de vencer seus adversários por meio de trapaças

para ganhar dinheiro. Reconhecido como um dos grandes ficcionistas brasileiros da segunda metade do século XX, João Antonio é reconhecido como um porta-voz dos marginalizados, dando a eles “voz numa narrativa que consegue encurtar as distâncias, com a malandragem e a marginalidade sendo representadas de forma convincente”. Aos interessados no papel do narrador na literatura, recomendamos a leitura.

O narrador também é discutido por Carla Alexandra Ferreira e Saulo de Oliveira, os quais lançam seu olhar sobre uma das produções literárias de Allan da Rosa, no artigo intitulado “Uma leitura política do narrador em *A Ladeira De Gererê*”. O conto, inserido no conceito de Literatura Marginal, retrata um bairro fictício de periferia da grande São Paulo, que abriga um narrador-personagem que relata os acontecimentos e experiências de alguns habitantes do bairro, construindo um retrato que mostra aspectos da organização social e cultural das periferias, revelando as pessoas, seus comportamentos e a forma como se relacionam.

Elizandra Fernandes e Adenize Aparecida Franco, no artigo “Corpos estranhos na poesia brasileira contemporânea: Adenize Franco, presente!”, proporcionam uma memorável leitura de poemas de Angélica Freitas e Adelaide Ivánova sobre identidade de gênero e representatividade das minorias, suas resistências aos sistemas que as segregam, regulam e assassinam. Os poemas analisados mostram “traços fortemente combativos e sinalizam para a discussão da corporeidade enquanto espaço de enfrentamento, empoderamento e resistência.” A combatividade era também um traço muito característico de Adenize Franco, que nos deixou neste ano de 2020. No início dos anos 2000, ela foi estudante do Curso de Letras do Campus Santa Cruz na UNICENTRO. Seu perfil acadêmico já revelava que ela viria a ser uma profissional competente e dedicada. Atuou nos programas de Graduação e Pós-Graduação em Letras desta universidade. Partiu muito cedo, muito jovem. Mas, ainda que, no plano físico, sua ausência seja muito sentida, sua passagem pelo Departamento de Letras e pelo PPGL ficará sempre registrada nas memórias daqueles que tiveram a honra de compartilhar da sua presença. Agradecemos pelo valioso presente aqui representado pelo artigo de Adenize Franco, publicado em co-autoria com Elizandra Alves. Celebremos, pois, sua vida e os momentos que conosco ela compartilhou. Adenize, sempre presente! Estendemos nossa homenagem a outros professores, colegas e estudantes que partiram. Com muito carinho e gratidão celebramos os momentos que partilharam conosco.

Ao encerrarmos este prefácio e a organização deste trabalho, retomamos a metáfora marítima. Convidamos você, leitor, para mergulhar conosco nas páginas deste dossiê. Nele, os diferentes autores, provenientes das mais diversas instituições, conduzem-nos por um mar de conhecimento, sobre uma multiplicidade de temas, a partir das mais distintas óticas. Lembramos que entre suas dádivas, esse vasto oceano nos concede pérolas, conchas, estrelas do mar. Todos esses elementos, metaforicamente, os artigos aqui apresentados, completam um ciclo. Completar um ciclo não necessariamente significa terminá-lo, mas pensar em um movimento de continuidade. A história das Letras na UNICENTRO se faz a cada maré, a cada dia.

**Gratidão a todos,
As organizadoras**

Claudia Finger-Kratochvil, Luciane Baretta, Neide Garcia Pinheiro

Referência:

BONINI, A.; DRUCK, I. F.; BARRA, E. D. O. Direitos à aprendizagem e ao desenvolvimento na educação básica: subsídios ao currículo nacional. Disponível em: <

<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/55911>>. Acesso em 20/10/2020.